

Línguas &
Letras

ISSN: 1517-7238

Vol. 11 nº 20

1º Sem. 2010

p. 107-132

ESTUDOS DA LINGUAGEM

**ESCRITA E FALA:
O QUE ENSINAM OS
TEXTOS NÃO
LITERÁRIOS**

TELLES, Célia Marques (UFBA/ CNPq)¹

LOSE, Alicia Duhá (FSBB/ UFBA)²

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora do CNPq. E-mail: cmtelles@ufba.br.

² Docente da Faculdade São Bento da Bahia e da Universidade Federal da Bahia. E-mail: alicialos@gmail.com.

RESUMO: Até o início do século XX somente os textos escritos documentavam a língua. A partir da análise de documentos não literários dos séculos XVII a XX, pretende-se mostrar como a escrita reflete fatos de fala. Duas séries de fenômenos serão especialmente enfocadas: a representação gráfica das vogais átonas e aquela das fricativas sibilantes (palatais e não palatais). Tem-se como finalidade alertar para os problemas relativos à interferência da fala na escrita, traçando um paralelo entre a escrita do falante comum, de mão inábil, contaminada pela sua fala e a escrita padrão.

PALAVRAS-CHAVE: Textos não literários, Escrita de mãos inábeis, Interferência fala/escrita.

ABSTRACT: Until the early twentieth century only written texts documenting the language. From the analysis of non-literary documents of the seventeenth century, we shall show how the writing reflects the facts of speech. Two sets of phenomena will be especially focused on: the graphic representation of unstressed vowels and that of sibilant fricatives (palatal and non-palatal). It is intended to alert to problems concerning the interference of speech in writing, drawing a parallel between the writing of the speaker common, off-hand that was contaminated by his standard speech and writing.

KEYWORDS: Non literary texts, Writing of unqualified hands, Interference speech/writing.

1 “ESCRITURA ES COSA QUE ADUCE TODOS LOS FECHOS Á REMEMBRANZA”

Até o início do século XX somente os textos escritos documentavam a língua. A partir de documentos não literários dos séculos XVII a XX, pretende-se mostrar como a escrita reflete fatos de fala. Ora, a propósito da escrita, a *Segunda Partida* de Alfonso X resume certamente, diz Hans-J. Niederehe (1987, p. 65), “Escriptura es cosa que aduce todos los fechos á remembranza”³. Nada mais completo e mais atual para o conceito de escritura.

A filologia textual é cada vez mais, comprovadamente, um instrumento de grande importância para o estudo linguístico. Nesse momento é o texto que nos leva aos dados da língua (TELLES, 2000, p. 101-102). Desde os primórdios

³ Traduzindo: “Escritura é coisa que traz todos os fatos à lembrança”.

dos estudos da linguagem até finais do século XIX, tem sido o texto o documento dos fatos de língua. Mas, como se tem acentuado recentemente, também para grande parte desses dados é necessário fazer o estabelecimento do texto (BLANCHE-BENVENISTE, 1998a): estabelecimento de texto, manuscritos – antigos ou modernos –, de inquéritos gravados, de toda espécie de documento de língua. Desse modo, o método filológico apoia a análise linguística, ao fornecer com critérios um texto fidedigno. Por outro lado, elementos linguísticos do texto estabelecido permitem – e têm sempre permitido – estudar a língua aí documentada.

O estudo da língua é o objetivo precípuo da linguística, enquanto a determinação do valor literário e histórico do texto pertence ao domínio da ciência da literatura. Na intersecção dessas duas vertentes estão os estudos filológicos que, hoje como sempre, buscam sintetizar todos esses aspectos, recorrendo a vários procedimentos e metodologias, sempre abertos a toda a gama de línguas e literaturas. A filologia utiliza a linguística para estudar os textos e a linguística usa os textos para descrever a língua (TELLES, 2000, p. 101-102).

No artigo *Cambios lingüísticos y cambios textuales*, Roger Wright (1998) assinala que, ao estudar a língua contemporânea, se pode aproveitar os meios modernos e os ouvidos, ficando estabelecido que não é possível limitar-se aos dados escritos. Entretanto, ao estudar-se a língua de época passada, todos os dados disponíveis estão escritos. Desse modo é possível acompanhar as mudanças verificadas na apresentação dos dados textuais e, às vezes, tirar conclusões a propósito do fato de a língua falada também ter mudado. Essas conclusões, entretanto, não costumam ser simples, porque a relação entre escrita e fala são diferentes em épocas e comunidades diversas (WRIGHT, 1998, p. 303).

As ligações entre o escrito e o falado, continua ele ao tratar de mudança ortográfica e de mudança fonética, são mais complexas no âmbito da fonética, porque não é possível representar diretamente e de modo global todo o fonético (WRIGHT, 1998, p. 304). O problema reside, diz ele, na

finalidade da escrita, que não é transcrever a fonética, mas indicar ao leitor a palavra e os morfemas que a compõem. Na realidade não importa que a forma escrita não represente exatamente a fonética da língua falada, se o leitor for capaz de reconhecer a palavra e os morfemas, pois, ao ler-se um texto, isso é feito para entender o conteúdo, e, para tanto, basta reconhecer as unidades léxicas (WRIGHT, 1998, p. 304).

Nessa direção, os erros ortográficos ajudam. Muitas vezes uma forma incorreta é tão corrente que se pode suspeitar ser correta (WRIGHT, 1998, p. 305). Conclui Roger Wright afirmando que a mudança linguística e mudança textual são relacionadas, mas que se deve ter cuidado. Lembra, por fim, que a Filologia tradicional e a Linguística Histórica precisam combinar-se entre si e com o senso comum. Assim, se poderá tirar proveito da experiência extraída do que se observa no mundo moderno e das relações estabelecidas entre a fala e a escrita (WRIGHT, 1998, p. 308).

É inegável o fato de que a escrita tem uma função preponderantemente comunicativa, ainda que de utilização mais restrita do que a fala, ressaltando-se o seu valor como documento da comunicação humana.

Nessa perspectiva, como já foi salientado, pretende-se mostrar como os documentos relativos ao português popular escrito, como o denominou Edith Pimentel Pinto (1990), são esclarecedores para o conhecimento da variação do português do Brasil. Para tanto, é necessário de antemão lembrar que há de se considerar a escrita do português culto (norma culta) e aquela do português popular. Nessa perspectiva, tem-se de levar em conta um divisor de águas marcado pela reforma pombalina.

Edith Pimentel Pinto separa nitidamente aqueles textos de “finalidade utilitária”, que para ela é a expressão de uma finalidade prática e popular, oposta a “culto”, que é uma forma de língua produzida por “detentores de instrução primária completa ou não”. Nesses, o produtor do texto manifesta escassa consciência linguística, expressando-se com espontaneidade e de forma canhestra, utilizando os mais

diversos suportes (PINTO, 1990, p. 11-12). São exemplos de Edith Pimentel Pinto:

Vamos sair daqui no dia 20 **induzive voce** tem que **chegar** no **maximo** ate dia 17 (p. 80).

E agora vou teminar pois terho que ir para a aula corto com **voce** para **partisipar** da **nossa** Alegria (p. 80).

Recebi sua carta - fiquei **muito** contente porter **resebido** suas **notisas**, eu aqui vou bem, **grasas** a Deus (p. 81).

[...] diga para minha **ernã** [...] e tonbem [...] Eu vou aguardar ansioza suas **notiças** (p. 81).

Maria ja Escreveu duas carta **ja** esta com bem um mês é não **resebeu noticia** da ir que ela quiria pra ir ponta os **minino** ela **paça** o dia em **casai** di noite dormi na **casa** de Nesti [...] (p. 89).

Por outro lado, deve ser lembrado que a língua portuguesa dos documentos lavrados no Brasil Colônia representa a língua escrita culta, preponderantemente de cunho lusitano. Considerando, portanto, a relação entre a Linguística Histórica e a Filologia Textual, faz-se necessário que se preparem edições conservadoras que guardem as características da *scripta* dos documentos (GAMA; TELLES, 2001; TELLES, 2009).

Assim, o estudo das relações grafemático-fonéticas que permite, a partir dos dados textuais, inferir a realização de alguns fonemas só é possível se a edição mantém fielmente a grafia do manuscrito.

2 ESCRITA E FALA EM DOCUMENTOS ESCRITOS

Essas considerações levam ao nível do estudo da escrita, a que N. S. Troubetzkoy, em 1935, em *Anleitung zu phonologischen Beschreibungen*, chamou “uma ciência pura

da escritura” (TROUBETZKOY, 1935)⁴. A partir desse momento, aos poucos, desenvolve-se na Linguística uma vertente de estudos da escritura, que tem se encarregado do *estudo do sistema gráfico das línguas escritas* (CONTRERAS, 1994, p. 123-143 e 161-166). Tal nível de estudos tem sido denominado de várias maneiras: *grafognosia*, por Claudio Rosales; *gramatologia*, por Gelb (com sentido diferente daquele de Derrida); *grafologia*, *filografia*, *grafêmica*, por Hall; *grafonomia*, por Hockett; *grafemologia*, por Nikolaeva e Avram; *gráfica* ou *grafética*, por Robins; *grafemática* por Alarcos Llorach (CONTRERAS, 1994, p. 123-124). Preferimos os termos *grafêmica* para designar tal nível de estudos, reservando *grafemática* como a forma adjetiva correspondente.

Em um artigo publicado na *Acta Linguistica*, em 1945, Vachek (1966) diz que o estudo concreto das escritas, assim como o estudo concreto das línguas escritas, tanto quanto a pesquisa sobre a teoria da escritura e da língua escrita, ainda se achava “na infância” e que poucas conclusões definitivas podem ser apresentadas no estágio em que se encontrava a pesquisa. Lembra, então, que “[...] writing is a system in its own right, adapted to fulfil its own specific functions, which are quite different from the functions proper to a phonetic transcription” (VACHEK, 1966, p. 157)⁵.

A unidade da grafemática, o *grafema*, apresenta variantes de forma e variantes contextuais. Entre as primeiras, destacam-se as marcas de leitura oferecidas pelas chamadas letras maiúsculas e minúsculas; entre as segundas, as diversas formas que esses grafemas adquirem conforme a sua posição na forma escrita.

A partir da *scripta* do documento, tanto se podem

⁴ O excerto do que nos interessa foi traduzido para o francês (TROUBETZKOY, 1969) e, depois, para o espanhol (TROUBETZKOY, 1972).

⁵ Traduzindo: “[...] a escrita é um sistema com suas próprias características, adaptado às suas próprias funções específicas que são bastante diferentes daquelas próprias à transcrição fonética”.

mostrar os erros óbvios (ou *lapsus calami*) – repetições, transposições, erros devidos ao contexto linguístico ou extralinguístico, os erros de concordância, as autocorreções, as adições, as omissões, as confusões de palavras – como, o que é mais importante, as variantes textuais decorrentes do desempenho do que escreve, do responsável pela *scripta* (MARTÍNEZ ORTEGA, 1999, p. 23-42).

A propósito desse desempenho do que escreve, lembra Castilho (1995, p. 70) que a construção é o processo central de constituição da linguagem, seja falada, seja escrita, por meio da qual é feita a organização mental, é veiculada a informação, exerce-se a ação sobre o outro e tem lugar a exteriorização dos sentimentos individuais. Essa constatação, continua ele, dá lugar a dois outros processos discursivos, o da reconstrução e o da descontinuação, os quais procurará integrar numa teoria unificada que não separe a língua falada da escrita (CASTILHO 1995, p. 70).

Como assinala Geoffrey Sampson, os sistemas de escrita são claros instrumentos idealizados para a execução de uma tarefa, que podem desempenhar mais ou menos bem (SAMPSON, 1996, p. 15). São, a bem dizer, “[...] um conjunto de símbolos escritos com um determinado conjunto de convenções para seu emprego” (SAMPSON, 1996, p. 16). Ivan Illich, no artigo *Um Apelo à pesquisa em cultura escrita leiga*, lembra que o alfabeto é a técnica empregada para que se registrem os sons da fala sob forma visível, sendo, por isso mesmo, o mais vantajoso tipo de notação (ILLICH, 1995, p. 43). Nessa mesma direção, afirma que somente a técnica do alfabeto permite que se registre o discurso e que se conceba o mesmo como a “língua” usada na fala (ILLICH, 1995, p. 52). Jeffrey Kittay, em *Pensando em termos da cultura escrita*, adverte que um dos maiores problemas da compreensão da cultura escrita é a incapacidade de especificar quais de suas propriedades são independentes da escrita (KITTAI, 1995, p. 179). Adverte, entretanto, que qualquer tipo de cultura escrita é inicialmente dependente de um determinado código ou conjunto de códigos gráficos. Pergunta, então, o que a cultura

escrita codifica sob a forma de escrita, respondendo simplesmente que “é a oralidade”, compreendida como tudo aquilo que é revisto pela cultura escrita, tudo que é comunicado, de viva voz ou não, desde que não seja escrito (KITTAI, 1995, p. 180). Finalmente, afirma que a cultura escrita é muito mais do que a simples codificação e decodificação do oral, o qual, por seu turno, vai muito além do falado (KITTAI, 1995, p. 181).

Com isso, resta advertir que, em filologia textual, a relação grafemático-fonética leva a duas considerações relativas ao comportamento metodológico: a necessidade de se fazerem lições conservadoras nas edições dos textos manuscritos e a possibilidade de tais lições permitirem fazer uma descrição fonológica a partir da *scripta* dos textos. Clara fica, nessa perspectiva, a relação entre o escrito e o falado (*scripta x verba*). Passa-se, então, ao conjunto denominado *texto*.

O que seria esse texto? É preciso ter em mente que a noção de texto, compreendida mais amplamente como atividade comunicativa, não se limita exclusivamente ao *texto escrito*. O texto é urdido através de um sistema de signos denominado língua, e o estudo da língua é objeto da Linguística. Esse é o ponto de intersecção entre as duas vertentes da Filologia Textual: o estudo dos textos e o estudo da língua (TELLES, 2000).

Nessa direção, Lass (1997, p. 45) relembra as mais importantes informações fornecidas pela *scripta* de um texto. São elas:

- 1 a natureza do sistema de escrita e as suas possibilidades de representação;
- 2.o aspecto fonético e outras espécies de evidência do sentido dos grafos nos textos antigos;
- 3.a implicação histórica do conservantismo dos sistemas de escrita face às mudanças;
- 4.o uso das evidências métrica e rímica;
- 5.o testemunho dos foneticistas e gramáticos pré-modernos;

6. os problemas suscitados pela divisão de palavras e outras convenções;
7. o uso de algumas fontes como glossários e transcrições interlineares.

Esses elementos da *scripta* são os indícios que não podem ser esquecidos pelo filólogo, porque são eles que permitem o uso do texto para compreensão do momento cultural representado pelo texto (e pelo seu autor). Vale destacar, entretanto, como assinala Giuseppe Tavani (1988, p. 53), que o mais importante é que se usem textos fidedignos, não esquecendo de que enquanto não se dispõe de um texto fidedigno, todas as operações hermenêuticas e críticas podem tornar-se arbitrárias, intempestivas e inseguras.

O texto, resultado do uso do código de sinais que transpõe para o suporte material o ato comunicativo, é, sobretudo, um documento de fatos linguísticos. É nessa perspectiva que a filologia textual tem tratado os textos. Nessa simbiose entre a oralidade e a escritura, vale a pena lembrar o que diz Teberosky (1998, p. 9-17) na *Introdução* à coletânea de Claire Blanche-Benveniste, *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*, quando retoma o que afirma Claire Blanche-Benveniste, lembrando que o oral não é homogêneo e, ainda que haja uma distribuição de frequência desigual das formas elaboradas entre o oral e o escrito, raramente se ouve um oral elaborado. Por outro lado, muitas das formas do oral são espontâneas, enquanto poucos escritos o são. Nesse aspecto não elaborado do discurso, pode-se estabelecer um paralelo entre o oral bem elaborado e a escrita, ou entre o oral e todos os rascunhos do escrito (TEBEROSKY, 1998, p. 14). Por sua vez, é preciso recordar, com Almuth Grésillon e Jean-Louis Lebrave (1983, p. 8), que os rascunhos – em francês, *brouillons* – lembram o retorno de duas metáforas: de uma parte, os observadores falam da vertigem provocada pela desordem e pelo caos dos rascunhos; por outro lado, uma nebulosa, uma nuvem. Desordem, caos, nebulosa, ruídos que estão presentes sobretudo nessa oralidade não

elaborada, considerada em paralelo a esses rascunhos.

Nessa direção, vale ressaltar que Claire Blanche-Benveniste, ao considerar que os *corpora* de língua falada tomam como base a escritura ortográfica, chama a atenção para as dificuldades encontradas na escritura, pelo fato de essa não ser uma simples transposição da oralidade (BLANCHE-BENVENISTE, 1998b, p. 50-51); é necessário, portanto, usar-se um código de transcrição, gráfico, mas não ortográfico. É ainda Claire Blanche-Benveniste que chama a atenção para a escritura de textos por pessoas inexperientes, para os quais se deve dar tanta atenção quanto para os textos estudados pelos filólogos (BLANCHE-BENVENISTE, 1998a, p. 138). Algumas vezes, esses dois tipos de texto estão muito próximos, quer se trate de uma escritura, ainda de adaptação, de um texto antigo, com base na escrita do latim, quer se trate de textos relativos à transcrição de depoimentos ou daqueles saídos de quem apenas sabe “ler e escrever”.

Narasimhan (1995), no artigo *Cultura escrita: caracterização e implicações*, assinala a existência de três possibilidades de representação do mundo modelado ou do mundo dos textos: a temporal, a espaço-temporal e a espacial. É exatamente na escala espaço-temporal que estaria inserida a escrita/oralidade. As representações seriam “ao vivo” ou com o auxílio de equipamento: filme, gravação, meio eletrônico (NARASIMHAN, 1995, p. 198-200). Uma dessas representações “ao vivo” é a *scripta* forma, inclusive, através da qual se pode representar o gravado, com o auxílio de um código baseado na ortografia.

Com isso, volta-se ao fato de que os critérios de transcrição e de reprodução adotados devem levar em conta a especificidade dos manuscritos estudados, bem como a necessidade de se tornar essa transcrição a mais rigorosa e inequívoca possível, respeitando o movimento da escrita, suas hesitações, seus equívocos e as marcas dos incidentes caligráficos (REIS; MILHEIRO, 1989, p. 201). Por outro lado, no campo das transcrições de inquéritos linguísticos gravados, recomenda-se o estabelecimento do texto através da chamada

transcrição grafemática, buscando reproduzir fielmente a variante linguística registrada. Como lembra Marcuschi (2001, p. 47), a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem, mas a passagem de uma ordem para outra ordem. Assim, em qualquer hipótese, não devemos interferir na transcrição do texto.

Exemplo bastante ilustrativo da importância da lição conservadora é encontrado na tese de Oliveira (2006), que editou *atas baianas oitocentistas*, relativas a uma associação de comunidade afro-baiana, de mãos de africanos e de crioulos libertos. O texto é um dos mais interessantes documentos da *scripta* de negros ou mestiços alfabetizados nos anos oitocentos. É dele o seguinte excerto do Manuscrito 1, de Manuel da Conceição (marceneiro), datado de 21 de outubro de 1834, transcrito:

	Aos Vintes hum do mês de <i>outubro</i>
	de 1834 estando o Juis em ais
	mezario emeza Compreta
	direberraro que quanto antes
5	Catiar ce o <i>Imão</i> Ex para hum
	Junta no dia 1 de Noubro
	pela 8 ora da Menha em =
	uertude de dar Compimento
	a pogetos oferecidos A deuo-
10	caõ efimeza do que asinamó ⁶

Nesse exemplo, quatro fatos de grafia podem atestar processos fonéticos ainda hoje encontrados em variantes do português popular usado no Brasil:

- a) rotacismo (*Compreta*, L. 3, *direberraro*, L. 4)
- b) realização da vogal átona pretônica (*direberraro*, L. 4, *Menha*, L. 7, *uertude*, *Compimento*, L. 8)
- c) apagamento de <r> depois de oclusiva (*Compimento*, L. 8, *pogetos*, L. 9)

⁶ Publicado com a autorização de Klebson Oliveira, a quem agradecemos.

d) apagamento de <r> em coda silábica (*fimeza*, L. 10)

Resta passar às duas séries de fenômenos que serão aqui especialmente enfocadas, a representação gráfica das vogais átonas e a representação gráfica das fricativas sibilantes (palatais e não palatais).

2.1 A representação gráfica das vogais átonas

Foram selecionados exemplos retirados das atas da *Sociedade Protetora dos Desvalidos*, de documentos trasladados no *Livro 2 do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia, de receituários de cozinha, de finais do século XIX e do século XX, de um livro de anotações (o *Livro da vovô*) de uma das informantes da pesquisa sociolinguística de Dermeval da Hora.

Os textos das receitas de cozinha e as atas da *Sociedade Protetora dos Desvalidos* representam o português popular escrito, enquanto os traslados do *Livro 2 do Tombo* a escrita culta a modelo do português lusitano.

a) Atas da *Sociedade Protetora dos Desvalidos* (séc. XIX) (OLIVEIRA, 2006)

Agostinho Antonio da Cunha (7 de abril 1839)	Sobre os <i>pinhóis</i> q(ue) iziste no Cofre ⁷ adonde <i>Comparicau</i> ol(r)ma) <i>Tizario</i> <i>Intirino</i> da l(m)(an)d(ad)e de N(oss)a S(enhor)a do Rozario dos 15 Misterio
	nomesmo atto P(a)g(ou) da <i>falida</i> Provedora Luiza Paçee a quantia de dois mil Sento e quarenta r(ê)s tambem da <i>falcido</i> Jose de São Boa Ventura

⁷ Para a transcrição foram utilizados os seguintes critérios: 1) manter fielmente a grafia do documento; 2) desenvolver as abreviaturas com o auxílio de parênteses (); 3) indicar as formas riscadas com o auxílio de parênteses uncinados < >; 4) indicar a substituição por riscado e superposição com o auxílio da sequência de parênteses uncinados e barras inclinadas, na relação <substituído> /substituto\; 5) indicar a correção interlinear com o auxílio de seta entre colchetes [!]; 6) indicar as interpolações com o auxílio de chaves {};

Luciano da Silva Serra (12 de mar. 1884)	As 8 hora da noite de 12 de Marco, achando presente O Senhor Prizidente Amando Rodrigue Vice Prizidente Francisco Diogo Ribeiro
	2º Co-brador Caetano Queiho
	f foi enpulecada a Caza
	Um Officio do Senhor Manuel Lionardo pedindo Sorcorro pois achava duente , pidindo a palavra, O Senhor João Thioidorio
	O Senhor Caetano Queiho pedio a palavra dezend o deste modo qu o honrem estava duente em um Estado indicatente hozando d <a > palavra O Senhor Prizidente dizendo que...
	para que amanhã não Venha Sobre este Conselho a Sensusura. Sim actos da Sembrearea que puia descidir
	disceio Sorcorro do Socio Manuel Lionardo atte a regula saõ da Asemblea
Manuel Leonardo Fernandes (28 de maio 1865)	pois minha mihor da minha infirmidade
	fazendo ver q(ue) he p(a)ra si tratar de negocio de orgencia
	Avista do artigo 15 do regimento or denome u S(e)n(h) or socio prizidente q(ue) mandase avizar a V(ossa) S(enhoria)s p(a) a nozaxamos riunido im segaõ p(a)ra si tratar de negocio de orgencia sobre a mesma sociedade a q(ue) pertencemos
	Foraõ sus pensos u S(e)n(h)ore)s socios siguinte por si havarem
	Foraõ sus pensos u S(e)n(h)ore)s socios siguinte por si havarem compriendi dos no artigo 37 do istatuto i gun tamente por terem sido car thados p(a)ra pagar em seos de bitos ou si contra tarem p(a)ra seoz pagamento o q(ue) dexaro di conpri
	ficando todos senhores notados como manda o artigo 7 da dispuzaõ gera do rigimen to
	por is ta conforme mandou u Senhor Prizi dente lavra heste termo com unomes do ditos Senhores eu que fis i a sinel
Manuel Anastácio Cajueiro (6 de out. 1867)	estava prizente 17 S(en)hoi Socio
	de pois de lido S(en)hoi Prizidente levo u cuisimento da Sembrearea um riqui rimento

indicar os trechos de leitura impossível com a *crux desperationis* entre colchetes [†].

b) Livro 2 do Tombo do MSB⁸

Bhia de todosos Sartos esco temo por sua AltezaReal que Deos Goarde em (20r, L.4)
Real que Deos Goarde em cumprimento do despacho proferido pelo Doutor Juis de Fora actual Domingos José Cardozo no Requeimento (61r, L. 4-5)

c) Receitas extraídas de *Delícias das sinhás* (BRUIT *et al.*, 2007)

Duas l(i)b(r)as d' assucar em ponto de pano, estando frio, junta-se, deite-se dois côcos q(ue) serão rda= dos **esprimidos** (p. 49)

Mistura-se em uma l(i)b(r)a de farinha de trigo seis onças do manteiga, tres **culheres** de for= mento e faz-se amassa com bastante leite, (p. 57)

juntase os 6 ovos com oasucar e bate-se bem mis turaçe amanteiga e a far(inh)a Canela uns dentes de cravo **enteiros** evai {a}ssar como paó de ló (p. 61)

Em estando **em corporado** deita-se emp{ra} tos untados com mantegas, e não se em che m(ui)to, ea porvilha-se com canela (p. 67)

limpa a calda tomaçe o ponto de ajuntar, deça o taxa do fogo botaçe as fitas, evai afever a sahir **agurdura** do coco (p. 89)

Milindres.

Em huma l(i)b(r)a's de assucar em ponto de a juntar deitace 10 gemas bem batidas e renhace thé ficar bem duro em tao desp{e} jace em hua – vazilha deitace agoa de flor efaice os bolinhos como bolos (p. 99)

Huma gema de ovo u?ma **culher** de far(inh)a de trigo **culher** de chá mecheçe os ovos com a far(inh)a tendo-çe a carda no fogo aver ver como p(ar)a fios de ovos vaise deitando com uma **culher** esprementa-se se ficar duro deita= se a escorrer evai-çe arranjando nos pratos (p. 103)

⁸ Na transcrição dos documentos do *Livro 2 do Tombo*, não se indicaram as quebras de linha.

meia d'óvos com claras bem batidas dois pires de queijo ralado, três **culheres** de manteiga, cravo, canella (p. 106)

deita-se 5 gemas 3 {c} **culheres** de mendum farinha de mandioca e todos os xeiros afarinha <ce> deve ser passada em peneira de seda (p. 109)

Hum copo de leite, oito gemas de ov {os} duas **culheres** de mantega, açúcar q(uan)to adoçe, Ervadoce (p. 115)

em todo elle, evai ao forno a cozêr embacias [grafo] está untada com **gurdura**, e depois, torrace, he mexido os ovos, e mais temperos no chão. (p. 117)

d) *Livro de receitas de D. Francisca Victoriana d'Almeida Telles* (manuscrito particular)

deita=se o assu= car e sempre fazendo a mesma couza nas mãos até deitar no **coscuzeiro** – deita=se uma **tualinha piquena** sobre o **coscuzeiro**, e deita=se a massa dentro, bota=se a cozinhar, estando cozido, tira=se o **cocuz**, e <l>vai se botando com uma colher o leite por cima sempre em toda a roda, feito isso abafa=se o **coscuzeiro** — (p. 24)

Coscuzeiro de Milho. Pena=se a flor de milho, e fasa <sa>se a mesma couza que o de carimá —
Coscuzeiro de Tapioca – tira=se o leite grosso separa=se, pota=se a farinha de tapioca (p. 24)

cozinha=se o macaraõ, não que fique mole que os canudos fiquem **enteiros**, feito isso escorre=se a agua, rala=se o queijo, (p. 37)

— **Bom bucado** —
6 ovos, só as gemas – uma quarta de queijo, ralado em ralo – M(ei)a quarta <, > de manteiga inglesa, uma quarta de assucar (p. 88)

e) *O Livro da Vovó* (manuscrito do acervo da pesquisa de Dermeval da Hora)

Fiava **algudaõ** pra fazer coberta

e os
alunos estudava alto i eu aconpanhiava a te que meu
pai **descubriu** que eu es{tava}
Suletrando melhor de q{ue}
muntos alunos

e eu **incinei** a tarte toda

e ele me chamou
para eu viver em **Comonidade**
que da quele dia em diante
ia nacer um **Comonidade**

i a força da
uniaõ de todos da **Comonidade**

Nos cinco tipos de textos, para as vogais átonas, são documentadas as grafias:

- de <i> para [e]: *Mãindres, pãnhoris, ãziste, Compariceu, falicida* (ao lado de *falecido* no mesmo documento), *Prizidente, Visce Prizidente, Lionardo, pãlindo* (ao lado de *pedindo* no mesmo documento), *Caitano, mãlhor, imãlidade, rãgimento, rãunido ãn seção, sãguinte, ãstatuto, ãguntamente, ãi conpri, prãzente, cuiãtimento, rãquãrimento;*
- de <u> para [o]: *culher, culheres, gurdura, Bom bucado, algudaõ, descubriu, Suletrando, Cuelho, enputecada, duente, pudia, dispuzisãõ, u Senhor;*
- de <e> para [i]: *esprimidos, enteiros, em corporado, dezendo, ãnfirmitade;*
- de <o> para [u] *coscuzeiro, cocuz, coscuz, Comonidade, hazando, arãgencia, di canpri, Deas Garde.*

2.2 A representação gráfica das fricativas sibilantes (palatais e não palatais)

Para ilustrar esse comportamento, foram selecionados

exemplos extraídos das atas da *Sociedade Protetora dos Desvalidos*, de documentos trasladados no *Livro 2 do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia e de receiptários de cozinha, de finais do século XIX e do século XX.

a) *Atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos* (séc. XIX) (OLIVEIRA, 2006):

<p>Agostinho Antonio da Cunha (7 de abril 1839)</p>	<p>Sobre ospinhoris q(ue) iziste no Cofre nom mesmo ato P(a)g(ou) de falecida Provedora Luiza Paes e a quantia de dois mil Sento e quatro cent(ás) tambem do falecido Jose de São Boaventura</p>
<p>Manuel Leonardo Fernandes (28 de maio 1865)</p>	<p>Participo a V(ossa) Sen(h)ria q(ue) nillavo pronto pois nillavo ni lhr / da minha infimidade mandar avizar ao socios por hum circular para si harem no domingo de 4 de Junho</p>
	<p>A vista do artigo 5 do regimento or denome u S(e)n(h)or socio prizidente q(ue) mandasse avizar a V(ossa) Sen(h)ria s p(ar)a no zamos reunido i m seção p(ar) a sitratar de negocio de orgendia sobre a mesma sociedade a q(ue) pertence mos Forão suspensos u S(e)n(h)re)s socios seguinte por si harem compriendidos no artigo 37 do ista tuto i gun tamente por terem sidos car tihados p(ar) a pagarem seos de bi tos ou si contra tarem p(ar) aseos pagamento o q(ue) dexaro di compri por ista conforme mandou u Sen(h)or Prizidente l ara heste temo com unomes do ditos Senhores e u que fisi a sini</p>

b) *Livro 2 do Tombo do MSB*

<p>Enam se continha mais couza a guma em odito titulo Retro e Supra o qual eu Joaquim Tavares de Macedo (20r, L. 13)</p> <p>e fielmente sem couza que duidafaçafis copiar do proprio que me foi aprezentado pelo Reuerendo Procurador do Mosteiro de São Bento desta mesma cidade (20r, L. 7-9)</p> <p>pelo achar uerdadeiro e autorizado Judicialmente como se deixauer no proprio traslado eo torná a entregar depois de Lansado ao dito Reuerendo Procurador Geral que de como o recebeo aqui asinado digo aqui asinou e este mesmo Traslado</p>
--

Juntamente como Tabelaõ companheiro Antonio **Barboza** de Oliueiraconferi como **Original concertei** sobstreui **casinei** na Bahia aos **doze** dias do mês de Nouembro demil **oitto centose** três. (20r, L. 10-5)

em cumprimento do **despacho** proferido pelo Doutor Jús de Fora actual Domingos José **Cardozo** no Requerimento que foy a segunda folha deste Liuro aqui bem efelmente sem **couza** que duida **faça fis** copiar do proprio que me foi **aprezentado** pelo Ruerendo procurador **Geral** do Most éiro de San Bent o dest a mesma **cidade** Frei Manoel do Sacramento pelo **achar** uerdadeiro **autorizado judicialmente** como **sedexa** uer no proprio traslado eo torná entregar depois de **lansado** ao dito Ruerendo Procurador **Geral** que de como o **recebeo** aqui **asinou** este mesmo traslado (61, L. 4-12)

como **Original concertei** sobstreui **casinei** na Bahia aos **trese** dias do mês de **Março** demil **oitto centos e cinco** annos. Eu **Jaquim** Tauares de **Macedo** Silva Tabelaõ que o sobstreui e **asinei** (61r, L. 14-16)

c) Receitas extraídas de *Delícias das sinhás* (BRUIT *et al.*, 2007)

Duas **duzias** de óvos úma (l)bra de **assucar** refi= nado úma garafa de leite úma **chicra** de gordura úa mão de porvilho úa dita de cara batido em < úa > **escumando** úm pouco de sal dois pratos de fubá **mimozo** eo forno m(uit)o que te que he p(ar)a pão delló. && (p. 54)

de **secado**, **coace** em úa peneira fina, um practo de banha **poence** em úa gamel. la, **eamaca-se** bem edesp(o)is **fáce** os **biscoitos** e **poence** sem folhas de banáνας p(ar)a meter no forno, oqual deve estar quante edepois de **crecido**, tirece **poence** em bacias evai p(ar)a oforno (p. 55)

bo tase manteiga igual aos 5 ovos a **juntase** os 6 ovos com **casucar** e **bate-se** bem **mis turaçe** amanteiga e a far(inh)a Canela urs dentes de cravo enteiros evai (a)ssar como paó de ló querendo **fas-çe fatias** e **torrase** adep(o)is **comese** q(ue) é m(u)to **gostoso**. (p. 61)

Húa libra de pó de **arros** úa dita de De **asucar** refinado, úa dita de mantei= ga, nove o vos, todos os cheiros, e dep(o)is de tu= do bem batido, **deitace** úm pedaço decoco relado, e **torna-se** a bater the **soltar**, **ún** = **tace** as formas com mantega, (p. 65)

2 l(i)b(ra)s de **assucar** feito calda em ponto de
ajuntar **decese** do fogo, e **deitace** 4 colheres
de leite **cozido** 2 colheres de manteiga do
reino lavado e derretida, 24 **gemmas** vai ao
fogo the **apparecer** ofundo do **taxo**; (p. 84)

Coze-se asperas com cascas e só setira as flores
e **despois** de **cozidas**, **sepassa** em hua peneira entre=
fina, ao **despois tronace** **apassar** em outra peneira
bem fina, **poemçe** aescorrer **amaça**, água humid(ad)e
q(ue) tenha, ao **despois pezace** hua libra de **maça**, libra
e quarta de **assucar**. **limpace** o **assucar** na fórma do cõstume (p. 85)

uma libra **d'assucar** empó,
bate-se até ficar bem alvo e **grosso**, **vai**
se pondo farinha da terra, sempre
mechendo, **evai-se** tirando os bocadi=
nhos na mão em burulhando em
farinha p(ar)a não pegar, e **se porá** em
baças untadas com manteiga (p. 87)

limpa a calda **tomaçe** o ponto
de **ajuntar**, **deça** o **taxo** do fogo **botaçe** as
fitas, evai afever a sahir agurdura do
coco , **tornaçe** a tomar ponto de **ajuntar**, **vai**
o **taxo** em **sima** do fogareiro com **brazas**,
evaise tirando aos poucos, em hum prato,
Mexeçe emquerendo **assucarar**, vai-se arruma
ndo na taboa **efazendo** os **lacos**. (p. 89)

alguns **pedaços** de canellas; quando esti=
ver bem **grosso**, **deita-se** farinha de
quatro biscoitos , pass<r>/a\dos empe
neira de sêda, continua-se **amecher**
te ficar como **massa** de pastel de nata,
então **deita-se** um prato de nata de
nata fresca, canella, água deflor, e cravo, (p. 91)

duas libras **d'assucar**, uma
libra de farinha de trigo, digo **d'arroz**,
ponha-se. a **cozer**, em q(uan)to for **cozendo** re=
fresquem com meia medida de leite,
depois de **cozido põem-se** agoa de flor (p. 97)

Em huma l(i)b(ra)s de **assucar** em ponto de a
juntar deitace 10 **gemmas** bem batidas e
renhace thé ficar bem duro em tao **desp{e}**
jace em hua – **vazilha deitace** agoa de

flor efaice os bolinhos como bolos e **deitace** em **bacias** evai ao forno brando. & (p. 99)

Huma gema de ovo u? ma colher de far(inh)a de trigo colher de chá **mecheçe** os ovos com a far(inh)a **tendo-çe** a carda no fogo aver ver como p(ar)a fios de ovos (p. 103)

e junta-se uma **du-**
zia d'óvos, e vai ao fogo **acozer**, e **depois** de frio, **junta-se** uma quarta de farinha de trigo, mais **dua** e meia d'óvos com claras bem batidas dois pires de **quejo** rralado (p. 106)

deitace 5 **gemas** 3
{c}ulheres de menduim far(inh)a de mandioca e todos os **xeiros** a farinha <ce > deve ser **pasa-da** em peneira de seda ea **maca** fica em ponto de **fazer** montes & (p. 109)

Hum copo de leite, oito **gemas** de ov{os} duas colheres de manteiga, **assucar** q(uan)to adoçe, Ervadoçe As **gemas** são batidas com colher, dep(oi)s **se misturas** tudo, e **forra-se** as **bacias** com manteiga p(ar)a ir = ao forno; e q(uan)do sae **escorre-se** algum soro q(ue) **ajunta** ea **porvilha-se** <algum > com canela. Por **sima**. & (p. 115)

despejase em hua gamella on= de ade ter hua emeia l(i)b(ra) de Farinha de trigo, **amaçase** bem, **abreçe** como fólhado – porem **groço**, evai sepicando com caritilha **edespois**, com hum **paózinho** fino **pacas** eem todo elle, evai ao forno a **cozér** em**bacias** (p. 117)

Em 1 arratel de **assucar** se deitaõ 12 óvos 8 com **gemas** 4 com clara canela [t] [e] **fiçiente** p(ar)a tempero casca de limão [t]{{[? ra]} lado esal **preçiso**. **bateçe** e tudo m(ui)to o {de} pois se lhe **ajunta** 1 arratel de far(inh)a de trigo e desta **massa sefás** as {su} plicas **pondoçe** em lata para irem ao forno. & (p. 118)

Para a série das fricativas, nos três tipos de textos, são documentadas, em variação livre, as grafias:

- de <s> para [s]: *ista, mês escumando, secado, biscoitos, bo tase, juntase, bate-se, fatias, torraxe, comese, gostoso, torna-se, soltar, decese, Coze-se, depois, sepassa, vai-se, se porá, vaise, deita-se, poem-se, depois, junta-se, se misturas, forra-se, escorre-se, porvilha-se, despeja-se, amaçase, paçase, sefás,*
- de <s> por <ç> para [s]: *Lansado,*
- de <s> por <c> para [s]: *oito centos e cinco, síma,*
- de <s> por <ss> para [s]: *asinado, asinou, easinei, asucar, pasada,*
- de <s> por <ç> para [s]: *asucar,*
- de <ss> para [s]: {a} *sser, sepassa, passar, grosso, massa,*
- de <ss> por <ç> para [s]: *assucar, assucarar,*
- de <cⁱe> para [s]: *faliada, faleido, cidade, Judicialmente, comærtai, concertai, oito æntos, oito æntos e cinco, Macædo, bacias,*
- de <c> para [s]: *reæbeo, appareæer, Ervadoæ, bacias*
- de <c> por <s> para [s]: *coacæ, poenæ, deitacæ, úntacæ, tronacæ, pezacæ, limpacæ, deitacæ, renhacæ, desp{e}jacæ*
- de <c> por <sc> para [s]: *deæse,*
- de <c> por <ç> para [s]: *lacos,*
- de <c> por <ss> para [s]: *amacase, maca,*
- de <ç> por <ss> para [s]: *maça, amaçase, paçase, groço*
- de <c> por <sc> para [s]: *creaido, deça,*
- de <ç> para [s]: *faça, Março, pedaços,*
- de <ç> por <c> para [s]: *bagias, [!e]ficiente, preçiso,*
- de <ç> por <s> para [s]: *misturaçæ, poemçæ, tomaçæ, botaçæ, tornaçæ, Mexeçæ, mecheçæ, tendo-çæ, abreçæ, bateçæ, pondoçæ*
- de <sc> por <i#s> para [s]: *fas-çæ,*
- de <ic> por <z#s> para [s]: *faicæ,*

- de <z> para [z]: *autorizado, doze, du zias, cozido, 'Coze-se, cozidas, fazendo, d'arroz, cozer, cozendo, duzia, fazer, paõzinho, cozer,*
- de <s> para [z]: *gostoso, preciso,*
- de <s> por <z> para [z]: *fi*s* tre*se*, du*s*ia, arros*s* se*fás**
- de <z> por <s> para [z]: *couza, apresentado, Barboza, Cardozo, mimozo, pezace, brazas, vazilha,*
- de <z> por <x> para [z]: *iziste,*
- de <x> para [S]: *deix*auer*, deix*a*, Mex*e*çe,*
- de <x> por <ch> para [S]: *mi*hao*, si*harem*, nos*axamos*, tax*o*, x*eiros*,*
- de <ch> para [S]: *ach*ar*, despacho*
- de <ch> por <x> para [S]: *mech*er*, mech*e*çe, **dicra** med*endo**
- de <J> para [Z]: *Jaquim, J*id*icialmente, J*int*amente,*
- de <j> para [Z]: *j*ud*icialmente, aj*unt*ar, j*unt*ar,*
- de <je> para [Z]: *desp{e}j*ace*, j*unt*a-se, quej*o*, aj*unt*a, despej*a*-se,*
- de <G^e> para [Z]: *G*er*al,*
- de <g^e.i> para [Z]: *Original, g*em*as,*

Observou-se, ainda, que nas duas séries de fenômenos diferentes grafias são registradas em variação livre: “nomesmo atto P(a)g(ou) *dafalícida* / Prouedora Luixa *Paxece* a quantia de- / dois mil Sento e quarenta r(éis) também *dofalecido*. Jose deSaõ Boauentura” nas atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos; “mais 10 [!anos] *mais* não fez *mais* / nada”, no *Livro da Vovó*; “fiquei muito contente porter resebido suas *notisas*” ao lado de “Eu vou aguardar ansioza suas *notiças*”, nos exemplos de Edith Pimentel Pinto.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos das receitas de cozinha e as atas da Sociedade dos Desvalidos representam o português popular escrito, enquanto os traslados do Livro do Tombo, a escrita culta.

O levantamento e a análise realizados mostraram que

os fatos gráficos detectados ainda são os mesmos que hoje em dia podem ser encontrados em escritas de mãos inábeis, quer seja essa escrita de crianças em fase de letramento, quer sejam de adultos com baixo nível de escolaridade.

Mostram-se, enfim, os problemas relativos à interferência da fala na escrita, atentando para o paralelo que se pode estabelecer entre a escrita do falante comum (de mão inábil, contaminada pela sua fala) e a escrita padrão, desde a língua portuguesa escrita no Brasil colonial até o século XX.

As duas séries de fenômenos são recorrentes nas séries de textos de mãos inábeis tomadas como amostragem: a oscilação gráfica das vogais átonas pretônicas e a grafia dos ditongos crescentes; as vacilações gráficas relativas aos fonemas fricativos [s] e [z]; as vacilações relativas à grafia da vibrante. A elas se acrescentam, como se pôde ver nos exemplos, a separação ou a união de palavras (juntura externa), devidos à interpretação dos segmentos de escrita pelo *scriptor*;

Os dados mostram ainda observações pertinentes do falante alfabetizado sobre a grafia pseudo-etimologizante: “nestes nomes Carlos magnos / cacophonia i amphilofo / i Lindolpho eu passei” (LV 3, L. 4-6), a que se segue: “e eu encinei a tarte toda / a te eles aprederam Soletra / estes nomes por que o p / servia de f e por ai foi” (LV 3, L. 10-13).

Uma das finalidades da análise de textos escritos por mãos inexperientes é alertar o professor para os problemas relativos à interferência da fala na escrita, traçando um paralelo entre a escrita do falante comum, de mão inábil, contaminada pela sua fala e a escrita padrão.

Não são mais do que indícios apontados pelos dados da *scripta*, mas cuja análise poderá servir para mostrar caminhos no ensino da escrita da língua portuguesa, sobretudo nas comunidades periféricas e para a população de jovens e adultos (TELLES, 2008).

REFERÊNCIAS

BLANCHE-BENVENISTE, C. Establecimiento del texto. In: BLANCHE-BENVENISTE, C. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: GEDISA, 1998a., p. 129-150.

_____. Lo Hablado y lo escrito. In: _____. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: Gedisa, 1988b, p. 29-64.

BRUIT, H. H. *et al. Delícias das sinhas: história e receitas culinárias da segunda metade do século XIX e início do século XX*. Campinas: Arte Escrita; CMU. Pref. de Leila Mezan Algranti, 2007.

CASTILHO, A. T. A Língua falada e sua descrição. In: *PARA SEGISMUNDO SPINA: língua, filologia e literatura*. São Paulo: Iluminuras; EDUSP; FAPESP, 1995.

CONTRERAS, L. *Ortografía y grafémica*. Madrid: Visor, 1994.

GAMA, A. R.; TELLES, C. M. A Lição conservadora e a análise linguística do texto. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2; anais. Fortaleza: ABRALIN. v. 1, p. 463-5, 2001. (Boletim da ABRALIN, 26).

GRÉSILLON, A.; LEBRAVE, J. L. Avant-propos. *Langages*, Paris, n. 69, p. 5-10, mars. 1983. "Manuscrits-écriture, production linguistique".

ILLICH, I. Um Apelo à pesquisa em cultura escrita leiga. In: D. R. OLSON; N. TORRANCE (Edit.). *Cultura escrita e oralidade*. [Tradução: Valter Lellis Siqueira]. São Paulo: Ática, 1995, p. 35-54.

KITTAY, J. Pensando em termos da cultura escrita. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (Edit.). *Cultura escrita e oralidade*. [Tradução: Valter Lellis Siqueira]. São Paulo: Ática, 1995, p. 179-186.

LASS, R. *Historical linguistics and language change*. Cambridge: CUP, 1997.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTÍNEZ ORTEGA, M. A. El Error gráfico o *lapsus calami* en los textos jurídicos. In: MARTÍNEZ ORTEGA, M. A. *La Lengua de los*

siglos XVI y XVII a través de los textos jurídicos: los pleitos civiles de la escribanía de Alonso Rodríguez. Valladolid: Secretariado de Publicaciones; Intercambio Editorial; Universidad de Valladolid, 1999, p. 23-42.

NARASIMHAN, R. Cultura escrita: caracterização e implicações. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N. (Edit.). *Cultura escrita e oralidade*. Tradução: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995, p. 189-210.

NIEDEREHE, H. J. *Alfonso X el Sabio y la lingüística de su tiempo*. Madrid: Sociedad General española de Librería, 1987.

OLIVEIRA, K. *À Escuta de novas vozes no português escrito no Brasil: edição semidiplomática e estudos linguísticos de atas baianas oitocentistas*. 3 v. 2006. Tese (Doutorado) – UFBA; PPGLL. Salvador, 2006.

PINTO, E. P. *O português popular escrito*. São Paulo: Contexto, 1990.

REIS, C.; MILHEIRO, M. R. *A Construção da narrativa queirosiana: o sepulcro de Eça de Queirós*. Lisboa: IN/CM, 1989.

SAMPSON, G. *Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia*. [Tradução: Valter Lellis Siqueira, rev. téc. de Nadja Ribeiro Moreira]. São Paulo: Ática, 1996.

TAVANI, G. Los textos del siglo XX. In: SEGALA, A. (Edit.). *Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XX^e siècle: théorie et pratique de l'édition critique*. Roma: Bulzoni, 1988, p. 53-63.

TEBEROSKY, A. Introducción. In: BLANCHE-BENVENISTE, C. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: Gedisa, 1998, p. 9-17.

TELLES, C. M. A Chamada lição conservadora na edição de textos. *Scripta Philologica*, Feira de Santana (BA), n. 5, p. 253, 2009.

_____. Textos escritos por mãos inábeis, sua importância para o estudo da fonologia. *Calidoscópio*, São Leopoldo (RS), v.6, n.1, p. 28-36, 2008.

_____. Mudanças linguísticas e crítica textual. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 25-26, p. 91-119, jan.-dez. 2000.

TROUBETZKOY, N. S. Notas para una ciencia pura de la escritura. In: *EL CÍRCULO DE PRAGA*. Valparaíso: Ed. Universitarias de

Valparaíso, 1972, p. 79-84.

_____. Note pour une science pure de l'écriture. In: *LE CERCLE DE PRAGUE*. Paris: Seuil, 1969, p. 85-87.

_____. *Anleitung zu phonologischen Beschreibungen*. Association Internationale pour les Etudes Phonologiques, Brno: Editions du Cercle Linguistique de Prague, 1935.

VACHEK, J. Writing and phonetic transcription. In: HAMP, E. P. et al. *Readings in Linguistics II*. Chicago; London: The Univ. of Chicago Press, 1966, p. 152-157.

WRIGHT, R. Cambios lingüísticos y cambios textuales. IN: BLECUA, J. M.; GUTIÉRREZ, J.; SALA, L. (Org.). *Estudios de grafemática en el dominio español*. Salamanca: Univ. de Salamanca, 1998, p. 303-308.

Recebido em: 08/04/2010.

Aprovado em: 14/07/2010.